

O ENSINO DE HUMANAS EM PAUTA

Entrevista ao professor Dr. Amurabi Oliveira

Entrevista realizada por Cristiano das Neves Bodart¹

É com grande satisfação que realizamos esta entrevista com professor *Amurabi Oliveira*, que é licenciado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Desponta-se como uma das referências nacionais nos estudos em torno do Ensino de Sociologia no Brasil. Atualmente é professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Amurabi de Oliveira recentemente foi eleito a representar a área de Ciências Humanas junto ao Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Foi presidente pro-tempore da ABECS - Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, atualmente participando de sua diretoria. O professor Amurabi de Oliveira atua como parecerista em vários periódicos especializados, sendo editor da REALIS - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais, Revista Café com Sociologia e Revista Debates em Educação. Além dessas atividades, já prestou consultoria ao MEC e à CHESF.

Não é difícil encontrá-lo coordenando eventos na área de Ensino de Sociologia, tendo participado como coordenador ou como integrante de Mesas Redondas em diversos eventos nacionais. Possui, ainda, experiência na área de sociologia, de antropologia e de educação, com ênfase, em nível de prática e de pesquisa no ensino de Sociologia, Antropologia e Sociologia da Religião e da Educação.

Com toda essa bagagem, nos impressiona a idade desse jovem professor: 29 anos, completados em 24 de janeiro de 2015.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. Editor da Revista Clóvis Moura de Humanidades.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Para iniciar nossa entrevista,
pergunto, de forma bastante objetiva,
sobre uma questão que muitos alunos
do Ensino Médio faz nas primeiras
aulas de Humanas. Para que estudar
Ciências Humanas no Ensino Médio?

Amurabi Oliveira: Creio que as inquietações dos alunos do Ensino Médio são muitas, o que inclui também as outras áreas disciplinares, em verdade penso que a pergunta que está ao fundo para eles é: para que serve a escola? E mais ainda: para que serve o Ensino Médio? Pois o Ensino Fundamental possui uma identidade mais claramente delimitada, dado que é constituído a partir de conhecimentos elementares que podem ser diretamente aplicados na vida cotidiana, pois qualquer um pode verificar empiricamente a necessidade de saber ler e escrever por exemplo, porém, considerando a complexidade do conhecimento presente no Ensino Médio, normalmente lecionado de forma bastante abstrata, essa modalidade é vista muitas vezes como desnecessária, ou apenas necessária enquanto porta de acesso ao ensino superior, porém, diante de uma realidade na qual boa parte dos jovens não ingressam no ensino superior, já que ele não foi suficientemente democratizado, para serviria o Ensino Médio? Bem, mas essa já é outra questão bastante complexa.

No que diz respeito especificamente ao lugar ocupado pelas Ciências Humanas é importante lembrar que historicamente essas ciências sempre foram percebidas dentro de uma “cultura geral”, de uma formação literária, até há pouco tempo atrás basicamente essas eram disciplinas de “decorar”. Lembro-me do vestibular que prestei no final de 2002 que uma das questões da prova era algo assim: “Irineu Evangelista da Silva mais conhecido como:”, e seguiam-se várias alternativas com nomes pelos quais algumas personalidades da História do Brasil ficaram conhecidas, a resposta correta era Barão de Mauá, eu só acertei porque havia visto o filme sobre ele, porém acertar não

indicava muito sobre meu conhecimento, e se errasse também não indicaria. Penso que um ensino de Ciências Humanas dessa forma não serve para nada.

Sem embargo, se pensarmos nos termos que nos coloca Boaventura de Sousa Santos, de que todo conhecimento é social, pois é produzido em sociedade e para sociedade já podemos olhar a questão por outro ponto de vista, pois creio que as Ciências Humanas possibilitam ao aluno entender o mundo no qual ele, sua família, seu trabalho, em suma, sua realidade se inserem.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Nessa mesma direção e influenciado
por uma provocação sua, publicada
em forma de artigo em 2010,
pergunto: para que serve Sociologia?

Amurabi Oliveira: Naquele momento o que me inquietou profundamente, e tudo que escrevo é fruto de inquietações, era o lugar ocupado por essa ciência especialmente na Educação Profissional e Tecnológica, pois na época que escrevi aquele artigo eu fazia parte dessa rede, fui professor do CEFET Petrolina, transformado em Instituto Federal do Sertão Pernambucano, e depois do Instituto Federal de Pernambuco no campus de Vitória de Santo Antão. Havia participado da comissão de reformula curricular do Ensino Médio Integrado ao Técnico no CEFET Petrolina, e meu maior desafio era demonstrar que a Sociologia deveria ter a mesma carga horária que as demais disciplinas no chamado núcleo “propedêutico”, mas comecei a inverter a questão, passei a indagar por que ela seria menos importante que todas as demais.

Se fosse reescrever hoje manteria boa parte das considerações, porém, enfatizaria a dimensão da ruptura epistemológica, no sentido que Bourdieu atribui sob a influência de Bachelard, pois entendo que a Sociologia visa provocar essa transformação na forma como percebemos o mundo social, do qual fazemos parte, indo para além do imediatamente perceptível, ainda que caiba aqui levar em

consideração também o que pontua Giddens, e antes dele Garfinkel, que não há um fosso entre conhecimento científico e senso comum, ainda que sejam diferente.

Mas o que quero dizer com tudo isso? Diferentemente da forma como o aluno chega em outras disciplinas do currículo escolar, na Sociologia ele chaga com muitas certezas sobre o objeto analisado, muitas convicções sobre o funcionamento do mundo social, que partem de sua experiência mais imediata, de uma vivência no nível individual e coletivo. A Sociologia possibilita que percebamos que nossas certezas não são tão certas assim, com o perdão do pleonasmo, o que nos leva a uma visão mais ampla sobre nós mesmo. Obviamente isso gera algum desconforto, pois como disse Bourdieu em uma entrevista realizado por Roger Chartier nos anos de 1980, publicada no Brasil em 2011, as pessoas poderiam até dar um livro de História para um amigo de presente, mas dificilmente daria um livro de Sociologia, tendo em vista o desconforto que o conhecimento produzido por essa ciência gera por vezes.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
O que o levou, e o motiva, à trabalhar com o tema Ensino de Ciências Sociais?

Amurabi Oliveira: Isso se relaciona com minha trajetória. Aos 13 anos decidi ser professor, e aos 16 estava prestando vestibular, porém eu tinha uma dúvida profunda, pois queria muito ser professor de História e de Geografia, daí uma grande professora que tive Eliene Leila, que lecionava Geografia porém era graduada em Estudos Sociais, me falou do curso de Ciências Sociais, afirmando que lá eu estudaria Sociologia, Antropologia, Ciência Política, além de cursar disciplinas de História, Geografia, Economia etc; e isso realmente me empolgou, além do mais aquele era um ano eleitoral, com intensas discussões sobre as possibilidades de Lula ser eleito, e mesmo vivendo em um universo no qual as

discussões políticas eram restritas, em uma escola religiosa de elite em Campina Grande – PB, eu tinha dois ou três amigos com os quais eu podia travar debates acalorados, e daí a ideia de estudar Ciência Política me parecia cada vez mais fascinante, ironicamente foi aquela das Ciências Sociais que menos me cativou.

Então prestei vestibular, e ingressei aos 17 no curso de Ciências Sociais, que me encantou, em tudo, as leituras, as discussões, e fui me apaixonando pela Sociologia, e pela Antropologia de forma mais enfática. Porém me senti um pouco frustrado, afinal, eu ingressei querendo ser professor, porém não havia espaço para essa discussão, cheguei a ouvir de uma professora muito querida que eu “não tinha perfil de licenciatura”, o que deveria ser entendido como um elogio, pois significava que eu era um aluno muito bom, porém eu me senti profundamente ofendido.

Tentando superar essa lacuna passei atuar em um projeto de extensão, no qual passei a lecionar em um cursinho pré-vestibular para jovens egressos de escolas públicas, e posteriormente, além desse projeto, passei a atuar na monitoria das disciplinas de Introdução à Sociologia, e Teoria Sociológica Clássica. Já no final da graduação decidi prestar seleção de mestrado, passei em três e decidi permanecer na minha universidade, pesquisando religião, mais especificamente o Vale do Amanhecer, porém o ensino sempre permaneceu uma preocupação para mim, tanto que de forma concomitante continuei a apresentar trabalhos sobre formação de professores de Ciências Sociais, como uma forma de extravasar minhas inquietações, que estavam ainda mais afloradas no último ano de curso, que por coincidência foi o ano de publicação das Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia, e do Parecer CNE/CBE nº 38/06, que reintroduziu a Sociologia no Ensino Médio.

Aos 21 fui aprovado como substituto na área de Ciência Política, porém como não tinha afinidade com a área não cheguei a tomar

posse, no ano seguinte fui aprovado como substituto na Universidade Estadual da Paraíba, atuando junto com cursos de formação de professores, o que implicou no amadurecimento de uma série de questões, e no mesmo ano fui aprovado como professor do então CEFET Petrolina, atuando como professor no Ensino Médio e Superior na área de Sociologia, me vi finalmente em um trabalho menos solitário, pois no mesmo campus havia outro professor de Sociologia, o Esmeraldo, com quem aprendi muito. Em 2009 ingressei no meu doutorado em Sociologia na UFPE e no final desse ano fiz outro concurso para o IFPE, campus de Vitória de Santo Antão, onde tinha 12 turmas de Sociologia, sete de primeiro ano e cinco de terceiro, uma experiência formidável. Certo dia no prédio do CFCH da UFPE conversando com um colega de doutorado eu disse: não farei mais concurso, apenas se for para trabalhar no curso de Ciências Sociais, com as disciplinas de Prática de Ensino e em uma capital do Nordeste entre Alagoas e o Rio Grande do Norte, daí no dia seguinte saiu o edital da UFAL, no qual fui aprovado para a área de Fundamentos Antropológicos da Educação e Estágio Supervisionado em Ciências Sociais, e mais recentemente fiz um novo concurso para o Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina onde atuo na área de Sociologia da Educação prioritariamente, mas também com outras disciplinas.

No final das contas, esse meu percurso, crivado de inquietações, de percepção das minhas próprias limitações intelectuais é que me levaram a reflexão sobre o Ensino de Sociologia, pois é através da pesquisa relacionada ao ensino que busco superar essas limitações. E, certamente, um dos elementos que me move é que sempre me coloco no lugar dos meus alunos, e me vejo neles, cheios de dúvidas e prestes a atuar como professores... Daí penso no que posso fazer para ajudá-los.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Me parece que presenciamos uma

crecente valorização do profissional da área de exatas, sobretudo das Engenharias e, em contrapartida, uma desvalorização do profissional de Humanas, principalmente do professores. Qual análise você faz dessa situação?

Amurabi Oliveira: Acredito que se trata da valorização do conhecimento aplicado, antes de mais nada, com resultados pragmáticos, imediatos e palpáveis. O conhecimento produzido pelas Ciências Humanas não está completamente afinado com esse cenário, mas veja que as Ciências Sociais Aplicadas também são valorizadas nesse processo, ou seja, se trata evidentemente de algo ligado a uma dimensão mais conjuntural.

Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* já apontara que ao passo que os católicos seguiam para os cursos de humanas, para usar uma terminologia mais recorrente, os protestantes se encaminhavam para os mais técnicos, ligados ao conhecimento aplicado. Ainda segundo Weber o surgimento de uma contabilidade racional foi um dos elementos determinantes para o surgimento de capitalismo como nós o conhecemos, o capitalismo racional na perspectiva do autor. Ou seja, a valorização de tais cursos estaria vinculado a mudanças sociais mais amplas.

No caso específico dos professores é importante lembrar que essa já fora uma profissão de bastante prestígio, o que ocorreu quando a educação ainda era demasiadamente elitizada, o processo de massificação da educação, considerando que sua democratização não se efetivou de fato no Brasil, implicou também nessa perda de prestígio. São recorrentes alguns trabalhos que trazem também como uma das razões a feminilização do magistério, porém há uma série de outras pesquisas que a desvalorização da profissão docente no Brasil ocorre em momento anterior a este fenômeno, sou inclinado a concordar com o segundo grupo de trabalhos. E mesmo em período recente, se

considerarmos o processo de redemocratização da sociedade brasileira, poderemos observar, como nos indica a professora Silke Weber, que a Educação passou a ser percebida nesse período como um elemento importante para a consolidação desse processo, e o professor o principal agente.

Porém, não é menos importante afirmar que essa desvalorização ainda que seja real é relativa, se levamos em consideração os diversos contextos sociais existentes, pois, a profissão de professor também é, em muitos casos, uma possibilidade palpável de ascensão social para determinados estratos, especialmente nesse momento que vivemos de ampliação do acesso ao Ensino Superior. Eu lecionava em Alagoas na licenciatura de Ciências Sociais e na Pedagogia, isso em no Estado com a maior taxa de analfabetismo do país, e a maior parte dos meus alunos representava a primeira geração em suas famílias a ingressar no Ensino Superior, e a profissão docente com todos os seus problemas representa uma chance real de melhoria de vida, mesmo quando essa melhoria não ocorre de forma gritante em termos econômicos, pois algumas profissões que exigem apenas com o Ensino Médio poderiam ser tão bem remunerados quanto, porém, há um ganho simbólico, que tem a ver com o distanciamento com o trabalho manual, recorrente nas gerações que lhes antecederam, e uma aproximação com trabalho intelectual, ainda que possamos, com base em Gramsci, questionar essa divisão.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Sei que trabalha diretamente com formação de professores. Frente a desvalorização do professor, quais técnicas você tem adotado para motivar os alunos que pretendem ser professores?

Amurabi Oliveira: Eu costumo dizer que vivo no Limbo, pois na Pedagogia, que é um curso que valoriza muito a prática eu lecionava uma disciplina teórica, e nas Ciências Sociais, que valoriza muito a teoria, eu era responsável

pelas disciplinas ligadas à prática, e atualmente à frente da disciplina Sociologia da Educação no curso de Ciências Sociais da UFSC enfrento outros dilemas que se relacionam à desvalorização da licenciatura ante o bacharelado, o que ocorre em todo o Brasil e em diversas áreas de conhecimento.

Focando um pouco mais na minha experiência na UFAL, por ter sido mais longa, penso que nas Ciências Sociais especificamente minha preocupação não era primordialmente motivá-los a serem professores, mas sim que conheçam o que é de fato ser professor, para que a partir daí tenham uma maior clareza sobre que caminho trilhar. Obviamente que, em princípio, todos nós sabemos o que um professor faz, afinal, para se chegar a um curso superior se passa por toda uma escolarização formal, e por mais de uma década temos contato com professores, entretanto vivenciar a experiência de ser professor, se envolver não apenas com o momento da aula, mas com o que a antecede em termos de planejamento, e a sucede em termos de avaliação, nos leva a perceber o fazer docente de uma forma totalmente nova.

Entendo a prática de ensino como um espaço fantástico para a definição da identidade profissional, pois, é no “chão da escola” que muitos alunos do curso de licenciatura percebem que de fato querem se tornar professores, ou o inverso.

Em todo o caso, de maneira bastante subjetiva, motivado por meu otimismo, sempre aponto para as possibilidades que estão sendo abertas, e no caso dos professores de Ciências Sociais eu sempre repito que estou diante da geração que vai fazer história, que vai fazer a diferença, que vai transformar o ensino, pois ainda estamos Tateando e experimentando em muitos aspectos. Há uma demanda real e urgente professores em todos os campos do saber e na Sociologia em especial, e quando os alunos têm uma noção mais clara disso acabam se empolgando, por mais que pesem as condições objetivas nas quais se realiza o fazer pedagógico.

Revista Clóvis Moura de Humanidades: Recentemente você publicou na Revista Café com Sociologia um relato de experiência onde mencionou ter usado um cemitério como objeto de estudo de campo. Qual a importância de o professor de Humanas usar objetos de estudos reais e disponíveis fora dos muros da escola ou da Universidade? É possível obter bons resultados com essa prática?

Amurabi Oliveira: Acho que o bacana de lecionar na área de Ciências Humanas é o fato de que nosso “laboratório” é o mundo. Na tese de doutorado da Simone Meucci ela analisa a experiência docente de Gilberto Freyre na Escola Normal de Pernambuco no final dos anos de 1920, e uma das coisas que chama a atenção é que ele não começava seu curso de Sociologia por conceitos, mas sim por questões, por “problemas sociais”, por assim dizer, além do mais, pedia para que as alunas tivessem dois cadernos, um no qual tomavam notas das aulas, outro do fluxo da vida social. A preocupação de Freyre era que as alunas não percebam as aulas como algo restrito às quatro paredes da sala de aula, que conseguissem ver o conhecimento que recebiam como passível de ser aplicado no esclarecimento do mundo no qual estavam inseridas.

Penso que a elaboração de atividades como essa, ou como a que fiz, ou ainda como tantos outros professores no Brasil afora fazem de forma brilhante, e falo como alguém que tem tido a oportunidade de conhecer professores das mais diversas partes do país, são fundamentais para estimular nossos alunos, ainda que as aulas não possam ser reduzidas apenas a estas atividades, os livros, as leituras, as exposições, os debates etc., ainda se fazem pertinentes e necessários. E sim, dão ótimos resultados.

Entretanto, mais uma vez me volto para a reflexão sobre as condições reais da prática,

tendo em vista que não consigo realizar uma discussão desvinculada dessas questões, como se eu falasse de um professor abstrato, pois um professor com 30 turmas semanais terá condições distintas de realizar um trabalho de pesquisa associado ao ensino, por exemplo, diferente de um professor com 15. Por isso não podemos nos encerrar no diálogo dentro da universidade, ainda que esse seja indispensável, a universidade precisa dialogar com as secretarias de educação, e principalmente com os professores que estão nas salas de aulas, que conhecem como ninguém as demandas existentes e os limites das propostas pedagógicas que muitas vezes chegam como um pacote pronto.

Por fim, chamo a atenção para o fato de que eu elaborei uma aula no cemitério não por ser gótico ou algo do tipo, mas por que me debati muito pensando no que poderia fazer sob as condições que eu dispunha, em uma cidade pequena com poucas opções para levar meus alunos, e essa é uma angústia da maior parte dos professores, mesmo na grande cidade, quando muitas vezes a escola se localiza na periferia. Daí creio que um passo primordial é conhecer onde sua escola está, para a partir daí pensarmos em ir para além dos muros dela.

Revista Clóvis Moura de Humanidades: Sabemos que o papel do professor de Sociologia não é preparar, no Ensino Médio, sociólogos, da mesma forma que não é a proposta do professor de Geografia preparar geógrafos. A final, qual deve ser o objetivo de um professor de Sociologia e das demais Ciências Humanas no Ensino Médio?

Amurabi Oliveira: Nesse ponto eu concordo plenamente com as Orientações Curriculares Nacionais, que as finalidades devem estar voltadas para o processo de desnaturalização e estranhamento da realidade social.

Acredito que a questão da cidadania é algo relevante, não como uma mera e simples politização, no sentido vulgar do termo, tampouco como um chavão vago e pretensioso, já que não acredito que se possa outorgar a cidadania a ninguém (o que implicaria em partir do pressuposto que os alunos não são cidadãos), mas como algo que deve ser entendido como a finalidade da escolarização, para a qual a Sociologia deve contribuir. Interessante que essa relação (e confusão) entre o Ensino de Sociologia e a Cidadania também está presente no debate acadêmico em outros países, como os Estados Unidos, França, Argentina, Espanha e Grécia, ou seja, não é um dilema exclusivo do Brasil.

A confusão começa quando não há clareza como a Sociologia pode contribuir para essa finalidade, e penso que, se a Sociologia conseguir na Educação Básica produzir a ruptura epistemológica da qual Bourdieu faz referência ela está colaborando incisivamente para a promoção da cidadania, pois como coloca Paulo Freire há dois tipos de consciência a ingênua e a crítica, a primeira vê a realidade como estática, a segunda como dinâmica, movida pela mudança. A ruptura epistemológica nos permite ir de uma para a outra, e inegavelmente essa é condição *sine qua non* para a cidadania plena.

Revista Clóvis Moura de Humanidades: Com relação ao Ensino Superior, tenho duas perguntas que me parece interligadas; i) é mais difícil lecionar sociologia para futuro administradores do que para futuros professores de Sociologia, por exemplo? ii) a metodologia de ensino deve seguir o mesmo molde?

Amurabi Oliveira: Por um lado é mais difícil ensinar para futuros professores de Sociologia, pois isso é algo bastante complexo, especialmente quando nos referimos às discussões sobre Metodologia de Ensino e Práticas Pedagógicas, uma vez que não

possuímos uma tradição consolidada nesse campo, tampouco uma vasta literatura, basta pensar que as citações mais recorrentes nos trabalhos sobre Ensino de Sociologia referem-se a dissertações de mestrado, como as de Simone Meucci, Mário Bispo Santos, Flávio Sarandy dentre outros, ou a artigos escritos por pesquisadores da área como o Amaury Cesar de Moraes, Anita Handfas, Ileizi Silva etc., mas não há livros que discutam profundamente as Metodologias de Ensino de Sociologia na Educação Básica, e que sejam amplamente reconhecidos como referência nesse campo, nessa direção eu destacaria o trabalho do grupo de professores da Universidade Estadual de Londrina que tem elaborado uma série de coletâneas sobre a questão, que vêm sendo publicadas nos últimos anos. Além do mais há sempre as expectativas dos alunos, eles chegam às aulas ansiosos por “fórmulas” sobre “como ensinar”, porém não há fórmulas, e creio que há outras perguntas que devem anteceder a esta: por que ensinar? Para quem ensinar? O que ensinar? As respostas para estas perguntas modificam completamente a forma de responder a primeira.

Por outro lado, lecionar para outros cursos de graduação é sempre desafiador, dado que há a necessidade de despertar o interesse desses alunos, demonstrar a relevância da Sociologia para suas formações, o que é bastante complicado, pois o contato pontual que normalmente o professor de Sociologia possui com esses alunos. Um fato interessante é que devido a uma ampla gama de fatores os professores tendem a iniciar seus cursos por conceitos, ou ainda pela história da Sociologia, e dispõem pouco tempo para problematizar porque os alunos estão estudando aquilo, qual a relevância, quais as contribuições possíveis de serem trazidas, o que pode ser um exercício bastante frutífero, ou seja, por mais que algumas demandas metodológicas se repitam, o professor deve buscar dialogar com o curso, afinal, como lecionar em um curso de biomedicina se não se sabe do que se trata o curso?.

É bom lembrar que sempre há surpresa, basta pensarmos o número de alunos que saem de suas graduações e realizam pós-graduação nas Ciências Sociais, ou mesmo largam a graduação para seguir uma nova nesse campo do saber, ou ainda, sem mudar a sua trajetória em termos de formação passa a dialogar intensamente com estas ciências. Na pedagogia, por exemplo, tive excelentes orientandas que se mantiveram em sua área de conhecimento porém se tornaram etnógrafas fantásticas, desenvolvendo um diálogo profundo entre a Antropologia e a Educação.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Uma pergunta que liga os dois níveis de Ensino (Médio e Superior): Qual foi, ou está sendo, o impacto da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio sobre os cursos de Ciências Sociais, sobretudo de Licenciatura?

Amurabi Oliveira: Um primeiro impacto que percebo é quando pergunto aos que recém ingressaram no curso porque escolheram as Ciências Sociais. Na minha época a principal resposta era: concorrência, alguns ainda escolhem baseados nesse critério, porém tenho escutado vários alunos que começam a justificar a escolha devido às aulas de Sociologia, que tiveram no Ensino Médio, porém isso é apenas uma impressão mais empírica. Em termos objetivos, baseado nas pesquisas que tenho realizado, tenho observado a expansão do número de cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, ao menos nas regiões Sul e Nordeste que examinei mais detalhadamente, que surgem com um perfil sensivelmente distinto daquele presente nos cursos que já existiam anteriormente à reintrodução da Sociologia no Ensino Médio.

Outro elemento importante diz respeito à necessidade que se tornou evidente para que os cursos de Ciências Sociais passassem a se repensar, problematizar a formação docente, que historicamente tem sido algo residencial

nestas graduações. O advento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é outro elemento relevante, dado a possibilidade real de aproximação entre universidade e escola que tem sido trazida a partir desse programa.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
De que forma a inclusão da Sociologia pode colaborar para o ensino de História e Geografia do Ensino Médio?

Amurabi Oliveira: Podemos começar pensando como estas ciências podem colaborar com o Ensino de Sociologia, uma vez que elas já se fazem presentes desde o Ensino Fundamental e que, portanto, o aluno ao chegar ao Ensino Médio já possui alguma bagagem sobre os conhecimentos históricos e geográficos do mundo social, que pode contribuir para o conhecimento sociológico elaborado na escola.

É importante frisar que vários autores da Sociologia desenvolvem um trabalho numa interface profícua com as demais Ciências Humanas, posso citar dois em cujos trabalhos isso fica bastante evidente: Norbert Elias e Gilberto Freyre. Este último no livro “Como e porque sou e não sociólogo” traz um capítulo no qual discute porque seria também um historiador.

A sucessão de fatos narrados pela História, a ação do homem sobre o espaço, trazida pela Geografia, só podem ganhar inteligibilidade plena quando compreendemos as relações que o sujeitos travam entre si, como as desenvolvem, que fatores possibilitam suas ações, e quais as constroem. Obviamente que estou falando de contribuições que a Sociologia potencialmente pode trazer, digo potencialmente pois as condições objetivas postas não viabilizam plenamente esse exercício, seja pela parca carga horária, pelo número expressivo de professores sem formação acadêmica na área das Ciências

Sociais, ou ainda (talvez principalmente) pelas condições de trabalho à quais são submetidos esses professores.

Revista Clóvis Moura de Humanidades:
Para finalizar, qual deve ser o objetivo central de um professor de Humanas?

Amurabi Oliveira: Na minha compreensão deve ser esse desvelamento da realidade construída pelos homens e mulheres para além da forma como os fatos se apresentam de imediato. Creio que isso já está posto por Kant quando pensou a distinção entre fenômeno e noumeno, por Hegel em seu conceito de dialética, e na famosa frase de Marx de que se a essência e a aparência das coisas fossem iguais não haveria motivo para ter ciência.

Claro que cada ciência ao seu modo trará contribuições diversas para esse processo, é como se a realidade social fosse um objeto no escuro, um grande objeto no escuro, e cada ciência, cada disciplina escolar, dentro de seus limites, agiria como uma pequena lanterna

que ilumina parte do objeto nos possibilitando ter cada vez mais uma noção de sua totalidade, de sua forma, de seus aspectos singulares.

Isso demanda uma boa formação inicial, em uma graduação que possibilite o diálogo entre disciplinas pedagógicas e teóricas, pois, o modelo “3+1” ainda permanece de forma disfarça, por assim dizer. Além de uma luta contínua por melhores condições de trabalho e melhoria da própria Educação, pois a condição do professor está atrelada visceralmente a forma como a Educação é interpretada pelo Estado e pela sociedade civil.

No mais agradecemos a oportunidade de poder falar sobre essas questões que me são tão caras, e parabenizar o Cristiano Bodart pelas perguntas instigantes. Também agradeço aos meus diversos parceiros intelectuais com os quais venho dialogando nesses anos, e aos meus alunos, que me levam constantemente a repensar minha prática, e a renovar minhas inquietações intelectuais.

Revista Clóvis Moura de Humanidades: Em nome de todo corpo editorial da Revista Clóvis Moura de Humanidades, agradeço pela atenção e belas contribuições para pensarmos o ensino de Humanas no Brasil.